

O ELO ENTRE A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E A REPRODUTORA: PERSPECTIVAS NUMA ANÁLISE DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Franceline Priscila Gusmão¹

Orient.: Prof^o Dr. Claudinei Spirandelli²

CONTATO - gusmaof@hotmail.com

GT 4 ESTÁGIO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE SOCIOLOGIA

RESUMO: O objetivo deste artigo é demonstrar as discussões que giram em torno da educação escolar transformadora, a qual é colocada como diminuidora das desigualdades sociais, pelo fato de levar seu acesso a todos sem distinção de classes sociais. Como contraponto, será colocado também as discussões que giram em torno da educação escolar como reprodutora das desigualdades sociais. Através de uma pesquisa e análise empírica, é evidente que internamente na rede de escolas públicas, há a reprodução das desigualdades sociais. Isto foi verificado numa comparação entre uma escola na região central e uma escola na região periférica da cidade de Londrina – Pr. Foi constatado que, no Projeto Político Pedagógico, as escolas seguem parâmetros semelhantes na forma de educar, porém, quanto ao desempenho escolar, no que diz respeito à prática educativa aos estudantes, possuem resultados divergentes. Há várias discussões a respeito do desempenho do estudante, no seu aprendizado na escola. Por parte dos educadores, há preocupações no desenvolvimento de estudos para a metodologia de ensino, à didática das aulas. Porém, tais estudos se limitam muito à escola na sua forma interna. E também, o problema é levado diretamente ao estudante na sua forma individual, como se ele fosse o culpado pelo mau desempenho escolar. Vale ressaltar que há aqueles estudantes que são elogiados pelo bom desempenho e vistos como brilhantes. Na realidade, falta o entendimento das relações sociais pelas quais tais estudantes vivem para além dos muros da escola. Logo, um ponto importante seria sua origem social. Isto é um princípio para o entendimento das diferenças de desempenho escolar e principalmente, que a escola contribui para a desigualdade social, já que os educadores não compreendem no que as relações sociais resultam fora da escola e que tais resultados refletem para dentro dela.

Palavras chave: educação; desigualdades sociais; juventude.

INTRODUÇÃO

¹ Graduanda do curso de ciências sociais da UEL. gusmaof@hotmail.com

² Doutor e professor do departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Londrina

Durante as experiências no estágio e quanto as aulas de metodologia de ensino, há debates com questões voltadas ao planejamento das aulas, a teorias voltadas a pedagogia e a sociologia da educação que nos tragam respostas quanto às didáticas das aulas. Os principais objetivos seriam aproximar o aluno, prender sua atenção diante da disciplina para que assim seu desempenho no aprendizado se torne algo fácil. Cada disciplina possui sua metodologia de ensino, para contribuir com o melhor desempenho no aprendizado do estudante.

Além da preocupação pedagógica, há algo que vai além da escola, o pensamento de que a educação é transformadora. Com a educação, haveria um entendimento da realidade social em que o estudante vive e dessa forma, seria um instrumento para a transformação da realidade social. O professor seria o principal sujeito que faz a mediação entre uma determinada realidade dada e o instrutor para o entendimento desta realidade. A educação vista dessa forma transformadora da realidade social do aluno, não faz distinção entre classes sociais, a mesma educação levada para o jovem da classe mais favorecida, seria a mesma educação levada para o jovem da classe menos favorecida.

Na experiência escolar, há a percepção de que a escola não é capaz de transformação social e sim ela é reprodutora de desigualdades sociais. O desafio desta pesquisa é demonstrar, a partir do método de análise de Pierre Bourdieu que na própria escola pública há a reprodução de desigualdades sociais.

No que foi exposto acima, deixa claro que muitas vezes os professores, pedagogos estão preocupados com tantas teorias, metodologias de ensino para o melhor desempenho dos alunos, acabam imersos num círculo vicioso e não conseguem encontrar a saída. As reclamações são sempre as mesmas: tal aluno conversa demais; tal aluno não presta a atenção na aula; tal aluno está com nota abaixo da média. Mas há também os elogios aos alunos brilhantes que conseguem boas notas, se comportam nas aulas e se não se comportam, mesmo assim conseguem ir além da média normal dos alunos.

1. ENTRE A EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E A EDUCAÇÃO REPRODUTORA

Faz-se necessário deixar claro que, esta pesquisa e análise, não é uma crítica ao pensamento de Paulo Freire e à escola transformadora. Esta análise é resultante de uma pesquisa onde será desconstruído o papel da escola como transformadora a qual contribui para a diminuição das desigualdades sociais.

Freire parte do pressuposto de que o acesso a educação escolar tem que ser algo alcançado igualmente por todos. Há um mediador para isto, que possui um papel principal na acessibilidade de educação escolar de qualidade: seria o professor. O professor, primeiramente, tem de assumir uma forma crítica diante da realidade social e acima de tudo entendê-la, para o melhor desempenho no seu ensino e dessa forma resultar no melhor aprendizado do aluno. Ao contrário, o professor afoga a liberdade do educando, amesquinhando seu direito de estar curioso e irrequieto (Freire, 2006, pág. 60). Quando Freire parte da liberdade do aluno é onde inicia sua discussão a respeito da pedagogia da libertação. Tem de ser criado no educando a possibilidade e a perda de medo de descobrir e aprender aquilo que faz parte de sua realidade, isto está ligado ao meio social e ao meio natural.

Para contrapor o pensamento da pedagogia da libertação, o que resulta numa educação escolar como meio de transformação social e como forma de ação nessa realidade social, faz-se necessário que seja apresentado o pensamento do sociólogo francês Pierre Bourdieu. Este faz uma profunda análise a respeito da educação e tal análise contribuirá para o desempenho desta pesquisa e poderá trazer respostas a indagações por parte dos educadores do não entendimento de alguns estudantes se sobressaírem no desempenho escolar em relação aos outros.

O sociólogo deixa claro que a escola não é acessível numa forma igualitária, isto é, ela pode seguir um padrão no ensino, porém o desempenho dos estudantes não se abrange numa forma igualitária. Alguns aprendem mais, outros menos. Mas o que Bourdieu quer deixar claro, é que esta diferenciação de aprendizados não é inerente a capacidade intelectual individual dos estudantes. O

desempenho escolar está totalmente ligado às relações sociais vivenciadas pelos estudantes.

(...) os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola, mas atores socialmente constituídos que trazem, em larga medida incorporada, uma bagagem social e cultural diferenciada e mais ou menos rentável no mercado escolar. O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos ao longo de seus percursos escolares não poderia ser explicado por seus dons pessoais – relacionados à sua constituição biológica ou psicológica particular -, mas por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 03)

Na realidade, além das pré-noções, a escola é voltada ao pensamento e legitimação da ordem, colocada pela classe dominante, isto é, pela burguesia.

(...) Bourdieu questiona frontalmente a neutralidade da escola e do conhecimento escolar, argumentando que o que essa instituição representa e cobra dos alunos são, basicamente, os gostos, as crenças, as posturas e os valores dos grupos dominantes, dissimuladamente apresentados como cultura universal. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 03)

Para aplicar o método de análise sociológico de Bourdieu, há a necessidade da análise e pesquisa empírica dentro da escola. As diferenciações no aprendizado podem ser explicadas como resultantes das relações sociais que os alunos estabelecem fora da escola e assim, refletem dentro da escola. O seu desempenho escolar está totalmente ligado ao habitus que adquiriu e no seu acúmulo de capital cultural que já é construído fora da escola.

2. COMO COMPREENDER O PAPEL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR COMO FORMA DE REPRODUÇÃO DAS DESIGUALDADES SOCIAIS

O capital econômico está ligado aos bens materiais, financeiros que o agente tem disponível e o capital cultural está ligado aos bens simbólicos que o agente tem disponível: a escola que estuda; aquilo que costuma ler, no como usa a linguagem. O capital econômico e o capital cultural assumem uma forma de

crédito que os agentes adquirem durante a vida social. É de acordo com esses créditos que agem nas suas relações sociais.

(...) O capital econômico (...) e o capital cultural (...) forma de que revestem as diferentes espécies de capital quando percebidas e reconhecidas como legítimas. Assim, os agentes estão distribuídos no espaço social global, na primeira dimensão de acordo com o volume global de capital que eles possuem sob diferentes espécies, e, na segunda dimensão, de acordo com o peso relativo das diferentes espécies de capital, econômico e cultural, no volume total de seu capital. (BOURDIEU, 2004, pág. 154)

Os agentes adquirem o capital econômico e o capital cultural de acordo com sua origem social. Esta determina certas práticas aos agentes desde seu nascimento. No decorrer do tempo, os agentes aprendem formas de agir dentro do meio social. As práticas são internalizadas e vivenciadas pelos agentes, denominadas por Bourdieu como *habitus*. Logo, o gosto, a forma de se vestir, a posição no mercado de trabalho são determinadas pela origem social do agente. As representações são inerentes à estrutura social, isto é, estão de acordo com as classes sociais em que está inserido.

(...) As representações dos agentes variam segundo sua posição (...) e segundo seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação. (...) O *habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído.” (BOURDIEU, 2004, pág. 158).

Após a apresentação dos conceitos, propostos por Bourdieu, poderemos iniciar a análise sociológica conforme acima.

3. QUANTO A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Diante dos parâmetros que seguem o Projeto Político Pedagógico das escolas públicas estaduais, entende-se que seguem um padrão quanto a pedagogia na escola. Em análise dos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas aqui mencionadas, ambas colocam como objetivo a democratização do ensino,

sendo este acessível a todos e através da educação a busca pela transformação social.

É importante ressaltar que a prática educativa, além de ser uma exigência da vida social, também é elemento fundamental no provimento dos indivíduos, de conhecimentos e cultura, que lhes permita uma atuação operante no meio em que vivem. Isto na busca de transformação, em função de necessidades sociais, políticas, econômicas. (P. P. P – escola pública da região central, 2009, pág. 08).

A citação acima, deixa claro qual é a perspectiva da escola quanto ao ensino e quanto aos resultados do ensino. Para comparação, podemos observar abaixo as perspectivas da escola pública localizada na região periférica da cidade.

Sendo nossa escolha política pela necessária transformação da sociedade, pela construção de um mundo para os seres humanos, não para o capital, nossa ação enquanto educadores só pode ser progressista que desvela a realidade opressora, que assume o papel do conhecimento de forma crítica como leitura de mundo (...) contribuindo para a compreensão do mundo, da sociedade, de suas contradições, de quem somos, de forma competente e criativa, acolhendo o outro em seus saberes e com ele problematizando os conteúdos. (P. P. P. – escola pública da região periférica, 2009, PÁG. 19).

Em comparação às duas perspectivas pedagógicas pode-se perceber que seguem o pensamento da pedagogia da libertação que espera como resultado da educação escolar a transformação social. A mesma educação aprendida na escola central é a mesma educação aprendida na região periférica. O P. P. P. tanto de uma região quanto de outra seguem os mesmos conteúdos disciplinares. Logo, o que o aluno da escola central aprende é a mesma coisa que o aluno da escola periférica também aprende.

4. A NECESSIDADE DE UM CORTE EPISTEMOLÓGICO PARA O ENTENDIMENTO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

A pré-noção que se tem com a construção de escolas é que diminuirá as desigualdades sociais e que com o aprendizado da realidade social, esta poderá ser questionada e assim, resultar na transformação social.

Pelo fato de as diretrizes escolares seguirem certas perspectivas de democratização do processo educacional e assim, tais diretrizes serem legitimadas, onde todas as escolas devem seguir mais ou menos a mesma perspectiva, causa a impressão de que tudo está num caminho positivo. Quando há a necessidade de explicações sobre o processo educacional, muitas vezes não se consegue encontrar saídas para determinados problemas: o desempenho do alunos, as diferenciações quanto a esse desempenho, a atenção do aluno; no como moldar certas práticas de ensino que podem ser aprendidas por todos. As respostas não são encontradas por que são dispensadas as relações sociais e no que elas resultam. O bom desempenho ou mau desempenho do aluno está totalmente ligado às suas relações sociais fora da escola. Podemos supor que muitas vezes, quando é discutido algum problema educacional, as opiniões primeiras sobre os fatos sociais apresentam-se como uma coletânea falsamente sistematizada de julgamento com uso alternativo. (BOURDIEU, 1999, pág. 23-24).

Na sala de aula, há uma divisão entre os estudantes que são brilhantes, possuem ótimas notas; outros que são ditos esforçados, fazem de tudo para entender a disciplina dada, mas com dificuldade; e também há aqueles que não fazem absolutamente nenhum dever escolar e as notas sempre são baixas. Estes acontecimentos são internos à escola democrática e transformadora atual, como exposto nos P. P. Ps. acima.

É provavelmente por um efeito de inércia cultural que continuamos tomando o sistema escolar como um fator de mobilidade social, segundo a ideologia da “escola libertadora”, quando, ao contrário, tudo tende a mostrar que ele é um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois fornece a aparência da legitimidade às desigualdades sociais, e sanciona a herança cultural e o dom social tratado como dom natural. (BOURDIEU, 2005, pág. 41).

Bourdieu se centra numa discussão não somente econômica, mas leva também em conta os aspectos culturais. Para entendermos porque a educação é vista como resultante da legitimação da classe dominante, será importante conceituar a cultura. A cultura, para partir da perspectiva de Bourdieu, é vista numa conceituação antropológica. Bourdieu deixa claro que cada classe social possui sua cultura e que não há a diferenciação de uma cultura ser superior a

outra. Pelo fato de os agentes sociais possuírem este arbítrio em questão a cultura, são livres para suas práticas culturais, há então, para isso, o conceito de arbitrário cultural. A escola colocada numa forma neutra, até mesmo laica, que não demonstra ser uma cultura superior a outra, também funciona como um arbitrário, pelo fato de que a cultura consagrada e transmitida pela escola não seria objetivamente superior a nenhuma outra. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 08). Ao mesmo tempo em que a cultura escolar é arbitrária, ela é legítima, pelo fato de ser vista como a única universalmente válida. A escola vista como cultura legítima, contrapõe o pensamento da cultura arbitrária, já que com a legitimação o que é válido é algo universal, algo para todos seguirem. O arbítrio aqui estaria em segundo plano, isto é, as escolhas, as origens, os costumes, as crenças de uma determinada origem social ficaria em segundo plano. Há algo que paira acima do que de fato é o arbitrário cultural.

5. O PAPEL DAS CLASSES NA LEGITIMAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR

Para descrever como acontece a desigualdade social dentro das escolas é algo complexo. A princípio, não pode limitar-se somente na análise escolar interna e descartar as relações sociais que acontecem fora da escola. Como a educação é sempre pensada como forma de emancipação do ser humano, isto é, através das ciências naturais, das ciências humanas e das ciências biológicas, o educando poderá compreender o seu meio social e natural e com isso, usar os conhecimentos como instrumento para a ação em tal meio.

Quando a educação surge como emancipação do ser humano, ela se contradiz. A educação ela pode servir como instrumento para o entendimento de uma determinada realidade, mas o problema é pensar no como a realidade está sendo apreendida. Será que todos estão compreendendo de forma igualitária os conteúdos disciplinares? As queixas dos professores são que há muita falta de atenção nas aulas; falta de comprometimento; as notas são abaixo da média. Mas há os alunos que são considerados brilhantes, pois conseguem captar muito bem

o entendimento dos conteúdos disciplinares. Isto pode ser verificado dentro da própria escola pública.

Para entender este fenômeno, temos que levar em consideração as desigualdades sociais que acontecem fora da escola e que refletem dentro dela.

Na realidade cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas do que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribuem para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e a instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob os dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar (...) (BOURDIEU, 2005, pág. 41-42)

Um ponto principal a ser verificado para compreender o bom ou mau desempenho escolar, seria a origem social do estudante. Este pertence a uma classe social, a qual sua família também pertence. A família, dependendo do seu capital econômico obtém meios de aquisição do capital cultural.

Bourdieu caracteriza as classes sociais e suas práticas no que se refere a aquisição de capital cultural. Coloca que há o grupo pobre em capital econômico e capital cultural que investe de modo moderado no ensino. Já que o investimento é baixo, o retorno do investimento é reduzido ou demora muito tempo. Correriam o risco de não obter o retorno desejado e continuarem na mesma situação econômica. Como essas famílias necessitam de um retorno imediato por questão de sobrevivência, não podem aguardar o retorno do investimento de capital cultural, já que adiaria a entrada dos filhos no mercado de trabalho. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 06).

As classes médias investem pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. As famílias provenientes de tal classe já possuem um capital econômico e capital cultural que podem ser investidos no mercado escolar. As classes médias são provenientes das classes menos favorecidas, conseguiram ascensão social pelo investimento no mercado escolar. Desejam que seus filhos continuem a ascensão social, valorizando e demonstrando a importância dos estudos aos mesmos. São rígidas quanto aos estudos. Seus filhos desde de crianças são acostumados ao meio cultural e escolar como forma de tentativa de

ascender socialmente futuramente e aumentar seus capitais. São rígidas quanto ao estudo dos filhos, pelo fato de os estudos serem garantidos com sacrifício, deixando até de comprarem bens materiais para garantir a escolarização. Se esses estudantes provêm de pais com curso superior, por exemplo, necessariamente já serão acostumados desde crianças à leitura, a certas discussões que estão de acordo com o capital cultural de seus pais. Se seus pais ascenderam socialmente por conta dos estudos, com o tanto de capital cultural adquirido e o capital econômico terão condições suficientes de conseguir aumentar o capital cultural dos filhos e conseqüentemente o capital econômico. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 06).

Quanto às elites econômicas e culturais, investem pesadamente na escola, porém de forma descontraída, não necessitam se preocupar num retorno imediato ou deixar de investir em algum bem material por conta da educação dos filhos. O sucesso escolar é visto como algo natural, o aluno não necessita de tanto esforço no aprendizado, pois de acordo com seu *habitus*, as práticas culturais que convive no meio familiar, terão como reflexos no meio escolar, facilitando seu aprendizado. Para a elite, no que se refere aos estudos, tudo é muito tranqüilo, já que não necessitam entrar numa constante luta para a ascensão social. (NOGUEIRA & NOGUEIRA, pág. 06).

As classes menos favorecidas seguem uma cultura: seus costumes, suas crenças, sua linguagem, sua música; do mesmo modo, por exemplo, as pessoas que vivem no campo, lá gostam de um determinado tipo música, possuem crenças, linguagem, diferente do meio urbano.

Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o alvo de atenção principal no julgamento dos mestres, a influência do capital lingüístico não cessa nunca de se exercer: o estilo permanece sempre levado em conta, implícita ou explicitamente, em todos os níveis do ensino médio e, ainda que em graus diversos, em todas as carreiras universitárias, mesmo científicas. (BOURDIEU, 1982, pág. 82).

O que aproxima as pessoas dentro de um determinado grupo, são as práticas que possuem em comum, isto é, o *habitus*. Estas diferenças de práticas

sociais, torna-se visível a existência do arbitrário cultural, a possibilidade de as pessoas viverem no seu social sem imposições do que é uma cultura superior ou cultura inferior. Quando é discutido a respeito do capital cultural, o arbitrário cultural é transferido para o segundo plano. O capital cultural, é algo imposto pela classe dominante: quem possui boa quantidade de capital cultural, são aqueles que lêem um determinado tipo de livro; que utilizam a linguagem de forma correta; que freqüentam boas escolas; que escutam as músicas de qualidade (no ponto de vista da classe dominante). Logo, quando o capital cultural é pensado, contrapõe totalmente o conceito de arbitrário cultural: o pensamento de uma cultura de uma classe ser superior em relação a cultura de outra classe torna-se evidente.

A escola pública trata os alunos de forma diferenciada, tornando o aprendizado diferenciado. Dentro da própria escola pública é existente as desigualdades sociais, como poderá ser verificado na comparação das duas escolas públicas pesquisadas.

Na escola pública da região central foram pesquisados vinte e seis alunos do terceiro ano do ensino médio, do período matutino. Dezesesseis alunos declaram que moram na região periférica da cidade e onze alunos declararam que moram na região central. A maioria dos pais desses alunos possuem o ensino superior completo ou pelo menos o ensino médio completo:

Escolaridade do pai (escola – região central)	Nº de alunos
Ensino fundamental incompleto	02
Ensino fundamental completo	01
Ensino médio incompleto	00
Ensino médio completo	07
Superior incompleto	02
Superior completo	11
Não souberam responder	03
Não alfabetizado	00
Total	26

Escolaridade da mãe (escola região central)	Nº de alunos
Ensino fundamental incompleto	01
Ensino fundamental completo	00
Ensino médio incompleto	00
Ensino médio completo	08
Superior incompleto	04
Superior completo	10
Não souberam responder	03
Não alfabetizado	00
Total	26

Quanto a renda mensal das famílias desses estudantes, a maioria declarou que possui a renda mensal de mais de R\$ 2.326,00. Conforme o quadro abaixo:

Renda familiar (escola região central)	Nº de alunos
De R\$ 465,00 a 930,00	0
De R\$ 1.395,00 a R\$ 2.325,00	11
Mais de R\$ 2.326,00	14
Não respondeu	1
Total	26

Vale ressaltar que nenhum desses alunos declararam que trabalham para contribuir com a renda mensal da família.

Na escola pública da região periférica foram pesquisados 26 alunos do terceiro ano do ensino médio, do período noturno. Dos estudantes entrevistados todos moram na região norte de Londrina próximo a escola. A maioria dos pais desses alunos possuem o ensino fundamental incompleto, conforme a exposição no quadro abaixo:

Escolaridade do pai (escola região periférica)	Nº de alunos	Escolaridade da mãe (escola região periférica)	Nº de alunos
Ensino fundamental incompleto	12	Ensino fundamental incompleto	07
Ensino fundamental completo	00	Ensino fundamental completo	04
Ensino médio completo	06	Ensino médio completo	04
Ensino médio incompleto	03	Ensino médio incompleto	03
Superior incompleto	00	Superior incompleto	01
Superior completo	00	Superior completo	01
Não souberam responder	02	Não souberam responder	01
Não alfabetizado	03	Não alfabetizado	05
Total	26	Total	26

Quanto a escola pública da região central nenhum dos alunos declararam que possuíam pais não alfabetizados, já na escola pública da região periférica, o número de pais declarados como não alfabetizados é considerável, comparado ao número de alunos entrevistados. Quanto a renda familiar, os 26 alunos declararam que:

Renda familiar	Nº de alunos
De R\$ 465,00 a 930,00	12
De R\$ 1.395,00 a R\$ 2.325,00	07
Mais de R\$ 2.326,00	04
Não respondeu	03
Total	26

Dos alunos que responderam que a renda familiar é de R\$ 465,00 a R\$ 930,00, declararam que moram em até sete pessoas na casa. Quinze alunos declararam que trabalham, sendo que doze ajudam com a renda mensal em casa.

Dos 26 alunos entrevistados da escola da região central, oito alunos declararam fazer curso pré-vestibular, seis alunos declararam fazer curso profissionalizante e doze declararam não fazer cursos. Quanto aos alunos da escola da região periférica, dos vinte e seis alunos entrevistados, 03 alunos declararam fazer curso de idioma, seis alunos declararam fazer curso profissionalizante e dezessete alunos declararam não fazer cursos.

Numa análise empírica, as aulas na escola da região central, o conteúdo disciplinar é o mesmo dado na escola da região periférica. Pelo fato de seguirem diretrizes na educação, os projetos políticos pedagógicos são seguidos numa mesma perspectiva para que a educação não seja direcionada numa forma diferenciada. Porém, o desempenho escolar do aluno da região central é muito

diferente daquele que estuda na região periférica. Os alunos da escola da região central, apesar de tornarem as aulas tumultuadas, com falta de atenção, normalmente fazem seus trabalhos e entregam, estudam para a prova, aceitam num certo ponto a autoridade do professor. Como a análise se centrou nas aulas da disciplina de Sociologia, apesar de não demonstrarem interesse como acontece com várias outras disciplinas, nos trabalhos escolares entregues, demonstraram entendimento da realidade social e o entendimento dos conceitos aprendidos em sala de aula. Esta escola, como escola pública, é bem conceituada na cidade em relação a qualidade do ensino. Mas se ela é bem conceituada, não quer dizer que o ensino é melhor. Mas a origem social dos alunos contribui para a qualidade do ensino. Como são alunos de classe média, os pais conseguiram ascensão social pelos estudos e desejam que seus filhos também façam o mesmo. No meio familiar os alunos são pressionados a tirarem boas notas e como auxílio para o bom desempenho no vestibular e o ingresso na universidade pública, os filhos freqüentam cursos pré-vestibular. Os pais investem num auxílio nos estudos, financiando o curso pré-vestibular. Dessa forma, esses jovens podem concorrer no vestibular com os jovens provenientes das elites, que estudam em colégios tradicionais particulares da cidade de Londrina-Pr.

Para demonstrarmos como existe desigualdade escolar, numa análise na escola da região periférica, no período noturno, a percepção diante dos alunos é levada para outra realidade. São alunos que necessitam estudar à noite, pelo fato de terem que trabalhar no período diurno, muitas vezes para contribuir com a renda familiar. Quanto aos pais, a maioria possuem o ensino fundamental incompleto e muitos deles não são alfabetizados. Os bens materiais e a forma de serem reconhecidos socialmente foram através do trabalho, muitas vezes braçal, para sobreviver. Não tiveram oportunidade de seguirem os estudos, empobrecendo o seu capital cultural (conforme imposto pela classe dominante). Já que são empobrecidos de capital cultural, são descartados para o meio da exclusão social. Dessa forma, o que têm de experiências para passarem a seus filhos, é a questão da sobrevivência deixando de lado os estudos. O ensino superior pode ser visto de forma utópica.

O ensino superior é visto de forma utópica, porque se os pais dos alunos provenientes das periferias não tiveram uma aquisição de capital cultural considerável, não poderão transferir aos seus filhos certas práticas que poderão enriquecer o capital cultural. O *habitus*, vivenciado por um determinado meio social, tende a transferir aos seus filhos o modo de prática desse meio. Se a família trabalha por questão primordial de sobrevivência, não terá como planejar para seus filhos uma vida escolar favorável. A carência de capital cultural contribui muito para influenciar o processo escolar dos jovens, o que permite que a vida escolar esteja em segundo plano. Se o jovem trabalha o dia inteiro e ainda tem que enfrentar no período noturno a jornada escolar, terá muitas dificuldades no aprendizado. Os pais por não ter tido a oportunidade de frequentar escolas, estas práticas refletem totalmente na educação dos filhos. As aulas na escola da periferia no período noturno, praticamente não acontecem. Os professores evitam pedir deveres para casa, porque sabem que não serão feitos, por falta de tempo dos alunos.

Através dessa exposição, está muito claro que dentro da escola pública não há um modo de efetivação da transformação social e menos ainda a busca de tal efetivação. Os alunos sempre serão vistos de forma diferenciada, por conta de haver um arbitrário cultural legitimado na própria escola pública. O arbitrário cultural é legitimado na medida em que é visto como algo universal, em que todos terão que seguir. É como se fosse uma verdade absoluta. Isto não é transformação social, pelo fato de não levar em consideração o meio social em que a educação está acontecendo.

6. O DESEMPENHO ESCOLAR E AS DESIGUALDADES SOCIAIS

Como foi proposto, numa análise educacional, há a necessidade de que as relações sociais fora da escola também sejam entendidas e confrontadas com o desempenho do estudante na sala de aula. A proposta é de que, as discussões pedagógicas levam em consideração somente os alunos na sua forma individual. Não pode ser descartado que esse aluno possui relações sociais fora da escola e principalmente possui o *habitus* que contribuirá na forma de como será sua vida

escolar. Dentro do ensino público existem desigualdades no aprendizado que são reflexos das desigualdades sociais fora da escola. Não há o reconhecimento de uma cultura dominante que impõe formas de pensar e agir como as únicas corretas. Quem não segue o que a cultura legítima impõe, não terá ascensão social. E se o estudante não consegue ascender socialmente é excluído do restante da sociedade e assim, proliferando a reprodução de desigualdade social. Um grande problema encontrado na comparação dessas escolas analisadas é que os estudantes, alunos do ensino médio, estão se preparando para o vestibular. Eles já inculcaram o pensamento de que se não conseguem entrar na universidade pública é porque não se esforçaram. Levam em consideração que o bom desempenho ou mau desempenho escolar é algo natural. O que na realidade não existe, pelo fato de que as relações sociais nesse caso são deixadas de lado. Como exemplo, será citado a fala de um aluno do ensino médio da escola da região periférica e de um outro aluno da escola da região central quando foi lhes perguntado a respeito do vestibular, se eles acreditavam que era muito difícil o ingresso dos estudantes de escola pública numa universidade pública. A maioria das respostas foram semelhantes:

Acredito que depende do aluno, mesmo os alunos de escola particular como da escola pública se não dedicarem aos estudos não será fácil o ingresso dos mesmos na universidade. (sic) (17 anos – aluna da escola da região central de Londrina)

Não é difícil porque se o aluno se esforçar e estudar bastante ele tem chance de passar.(sic) (17 anos – aluna da escola da região periférica de Londrina).

Os próprios alunos não compreendem a lógica escolar. O processo de inculcação é desde seus primeiros anos escolares. Isto contribui para o não entendimento da realidade social e para a proliferação de desigualdades sociais. Já que o bom ou mau aprendizado é explicado como algo natural, o que na realidade é resultante das relações sociais.

Há um outro elemento para refletir: a questão das cotas. Já que se pode fazer um estudo na região de Londrina inteira e constatar a reprodução de desigualdades sociais dentro da escola. Através disso, pode ser analisado quem

são os alunos que entram pelas cotas na universidade pública. Um pressuposto, de acordo com essa análise, poderiam ser os alunos dessa escola pesquisada na região central de Londrina. Isto pode causar impacto, mas as cotas ao invés de servir como meio de inclusão social, ela pode contribuir como meio de exclusão social, partindo dessa perspectiva da reprodução das desigualdades sociais.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa contribui para uma reflexão, principalmente aos educadores, que vivenciam em sala de aula o desinteresse escolar. Faz-se necessária tal reflexão, para que seja afastado o pensamento de que o desinteresse escolar por parte dos alunos seja explicado numa forma individual. O primordial, também, é tentar descartar as explicações pelo dom: o dom da música; o dom da arte; o dom dos estudos. Quando partimos da perspectiva do dom, estamos descartando que o indivíduo é um ser social, isto é, se relaciona socialmente. Logo, quem é um bom estudante, consegue apreender os conteúdos disciplinares com facilidade, não quer dizer que seja algo natural. Suas habilidades são formadas num processo fora da escola. Assim, se são formadas fora da escola, são habilidades formadas em relações sociais. O princípio das relações sociais não pode deixar de lado o meio familiar. Quem tem habilidade para música, para a arte, possui todo um processo de construção dessa habilidade.

A presente pesquisa por enquanto encontra-se muito limitada. Porém, como um princípio de pesquisa, contribuiu para compreender as formas subjacentes que se encontram no meio educacional: a questão das desigualdades sociais frente à escola pública; a questão das cotas para o ingresso nas universidades públicas; a questão da desigualdade do aprendizado sem levar em consideração os reflexos que as relações sociais fora da escola interferem. Logo, para pensarmos numa realidade social e transformá-la, primeiramente temos que entendê-la e necessariamente assumi-la como forma problemática. A princípio, a prática é o melhor caminho para ver se os resultados são positivos ou negativos. As teorias em formas de projetos políticos pedagógicos que idealizam uma educação que não existe, não contribuirão para o processo de democratização da

educação (no sentido de ser acessível e compreendida por todos) e a resultante transformação social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOURDIEU, P. A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1982.

BOURDIEU, P. Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

BOURDIEU, P. A ruptura. **A profissão do sociólogo**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1999.

BOURDIEU, P. Espaço social e poder simbólico. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

NOGUEIRA, C. M. M. N., NOGUEIRA, M. A. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições, http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002000200003&lng=pt&nrm=iso. Educ. Soc. v.23 n.78 Campinas abr. 2002